

**CONFERÊNCIA “O VOLUNTARIADO E A VISÃO DA FCG” NO ÂMBITO  
DO DIA DO VOLUNTÁRIO DO HOSPITAL DE SANTA MARIA**

Segunda, 14 maio de 2017, 11:00

Aula Magna da FML-HSM

Senhor Presidente do Conselho de Administração do Centro Hospitalar Lisboa  
Norte, Dr. Carlos Martins

Senhora Presidente da Associação dos Amigos do Hospital de Santa Maria, Dra.  
Maria do Céu Machado

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Foi com o maior gosto que aceitei o amável convite da Senhora Presidente da  
Associação dos Amigos do Hospital de Santa Maria, a minha estimada amiga  
Maria do Céu Machado, para participar neste Dia do Voluntário do Hospital de  
Santa Maria.

Quem já passou por este tão nobre estabelecimento hospitalar conhece bem o  
generoso e eficaz trabalho dos voluntários que diariamente prestam uma  
assistência fundamental aos seus utentes.

Foi-me pedido que partilhasse convosco a visão da Fundação Calouste  
Gulbenkian sobre o voluntariado.

Gostaria de referir que a Fundação insere a questão do voluntariado no âmbito  
mais lato do papel da Sociedade Civil no desenvolvimento das sociedades  
modernas. Uma resposta cabal à complexidade e magnitude dos problemas  
sociais com que nos defrontamos exige uma Sociedade Civil forte, ativa e  
responsável.

Julgo que será evidente para todos que, mau grado ainda estarmos abaixo da média europeia, ao longo dos anos, o voluntariado tem vindo a ganhar um espaço crescente na sociedade portuguesa, afirmando-se quase como **obrigação social e até como uma mais-valia pessoal e curricular**. Parece-me fundamental, no entanto, afinar conceitos para que não se perca a essência do que é ser voluntário.

Se por um lado o voluntariado assumiu um estatuto de expressão nobre de cidadania, enquanto forma de afirmação da justiça social na construção de um mundo mais justo, por outro lado, numa perspetiva solidária, o voluntariado decorre do exercício do serviço ao próximo, de uma forma gratuita e desinteressada, aos que mais precisam em cada momento.

Esta dupla condição de solidariedade e cidadania que o exercício do voluntariado comporta é particularmente exigente.

A reflexão que temos feito na Fundação, em conjunto com os nossos pares, tem-nos levado a algumas conclusões. Vale a pena sublinhar cinco pilares desta visão de voluntariado:

- **O voluntariado como dádiva e acolhimento** - Por contraposição ao trabalho remunerado, o voluntariado surge como uma dádiva, sem contrapartidas. Essa gratuidade deve ser levada muito para além da ausência da remuneração. No entanto, paradoxalmente, quem faz voluntariado desta forma recebe cem vezes mais do que deu.

- uma outra interpretação óbvia do que é “voluntário” é que **o voluntariado é uma expressão de liberdade**. É, por isso, que o voluntariado constitui uma das mais nobres formas de exercício de liberdade e de vontade, imposta somente pela consciência e pelo sentido de missão.

- **O voluntariado para quem mais precisa** – o critério da maior necessidade dos destinatários constitui um dos referenciais prioritários para um voluntariado exigente. Quem faz voluntariado não o faz para se servir a si próprio, fá-lo para os outros, para aqueles que estão em situação vulnerável.

- **O voluntariado organizado** – Um voluntariado eficaz raramente é um exercício solitário. A complementaridade de competências, a continuidade no tempo, a energia de um coletivo, a mobilização de recursos acrescidos, constituem algumas das vantagens de um voluntariado exercido no âmbito de uma organização formal.

- Por último, **o voluntariado como compromisso** – sublinha-se a dimensão da perseverança e determinação que o voluntariado exige. Este é talvez uma das maiores fragilidades em tantos gestos de voluntariado. O desafio de assumir um compromisso sério e levado até ao fim, em consequência de uma opção livremente assumida por quem decidiu envolver-se num projeto de voluntariado, é essencial.

Arrumados os conceitos, como já referi e apesar da perceção de um aumento do voluntariado no nosso país, a verdade é que ainda temos um longo caminho a percorrer.

De acordo com os últimos dados disponíveis no INE, apenas 11% dos cidadãos com 15 ou mais anos desenvolvem atividades de voluntariado (ou seja, cerca de 1 milhão e 40 mil indivíduos), contra 24% nos países da União Europeia.

São várias as razões que levam cada cidadão a desenvolver atividades de voluntariado:

- a vontade de ajudar os outros
- o sentido de missão
- o sentido de pertença a uma comunidade
- a necessidade de reconhecimento social ou, ainda,
- a consciência da importância da aprendizagem e desenvolvimento pessoal resultante de tais atividades.

O trabalho voluntário tem-se assumido como um recurso crucial para a **resolução de muitos problemas sociais, económicos e ambientais**, na medida em que apela ao **espírito de solidariedade, de dádiva e de empenho cívico dos cidadãos**.

Não podendo esquecer que os voluntários disponibilizam tempo e competências, trazem motivação, criatividade e diversidade de pontos de vista para as organizações. Neste sentido, os voluntários podem ser fatores de inovação e iniciar novos projetos, não só pela sua competência específica, como pela riqueza da experiência adquirida ao longo da vida profissional.

O voluntariado é, por isso, cada vez mais um meio para se promover a cooperação intergeracional e o envelhecimento ativo, por via da transferência de conhecimentos e de experiência para as gerações mais novas, com impacto direto na sua empregabilidade e capacidade empreendedora. O trabalho voluntário é, ainda, uma forma de valorização pessoal dado que é reconhecido o seu efeito sobre as competências dos próprios voluntários.

Embora não exista ainda em Portugal um mecanismo formal de validação e certificação de tais competências, não há dúvida de que o voluntariado é fator de desenvolvimento do indivíduo enquanto pessoa e na sua relação com os outros, promovendo as suas competências transversais ou *soft skills*.

Vou dar alguns exemplos que considero paradigmáticos do apoio da Fundação neste domínio.

O **Projeto Mais-valia** procura associar numa proposta inovadora o voluntariado, o envelhecimento ativo e a cooperação para o desenvolvimento, envolvendo Organizações Não Governamentais para o Desenvolvimento portuguesas e instituições dos PALOP, com o objetivo de melhorar as competências das instituições através da cooperação com voluntários experientes e de perfil adequado.

Ao longo de quatro anos, foram realizadas 47 missões: 6 Angola, 2 Cabo Verde, 10 Guiné, 17 Moçambique, 12 São Tomé e Príncipe, que abrangiam as áreas da educação e saúde, tendo sido criada uma bolsa de voluntariado de competências, que envolve atualmente cerca de 60 profissionais, com idades superiores a 55 anos.

O projeto terminou no final de 2016, e a avaliação dos parceiros no terreno é positivo, em particular quanto à qualidade e à oportunidade do trabalho desenvolvido pelos voluntários. A iniciativa deu lugar a uma associação, assegurando-se, assim, a sua autonomização e a transferência da responsabilidade para a sociedade civil.

É importante salientar que as aprendizagens adquiridas neste tipo de experiências são cada vez mais valorizadas pelo mercado de trabalho, prova de que a maturidade cívica e os conhecimentos decorrentes do trabalho voluntário e do contacto com múltiplas realidades e situações são considerados **uma mais-valia pelos empregadores**.

Especificamente, os serviços voluntários nas instituições hospitalares são uma forma de participação cívica ativa, conduzidas e coordenadas de forma responsável e humanizada no sentido de promover a qualidade do acolhimento do doente, promovendo o seu bem-estar ao longo do processo de tratamento.

O trabalho meritório dos voluntários centra-se, principalmente, em atuações do foro humano, afetivo e emocional, beneficiando não só os utentes, mas também os profissionais de saúde – um elo fundamental que vê o seu trabalho ser potenciado pela ação humanizante dos voluntários.

Considerando que a principal missão dos “nossos hospitais” é a promoção do bem-estar dos seus utentes, os “nossos voluntários” são peça fundamental na humanização destes cuidados.

A Fundação tem a clara consciência do esforço que é necessário fazer para mobilizar mais voluntários e para os chamar às organizações da sociedade civil, mas não esquece também as necessidades de capacitação dessas organizações para que sejam capazes de os manter, motivar e criar condições de realização pessoal.

Nesse sentido, o **Programa Cidadania Ativa**, gerido pela Fundação, apoiou recentemente 5 projetos de promoção e gestão de voluntariado, no âmbito do reforço das organizações da sociedade civil.

A certeza de que a boa vontade dos voluntários não chega para garantir resultados na implementação das atividades do setor social obriga a introduzir instrumentos e métodos de gestão adequados à canalização dos esforços do voluntariado para terrenos de maior eficiência e eficácia.

O projeto VOHR da Federação Nacional de Associações Juvenis, envolvendo as suas 1000 associadas, é paradigmático neste sentido, conduzindo designadamente

à publicação de um Manual de Gestão do Voluntariado, agora disponível para toda a Sociedade Civil.

É intenção da Fundação continuar nesta via de reforçar a Sociedade Civil e, nesse quadro, continuar a promover o trabalho voluntário que é parte integrante da sua atuação e a permite amplificar.

Trata-se da defesa dos valores da democracia, dos direitos humanos, da tolerância e não discriminação que noutros países europeus estão muito na ordem do dia e em que uma Sociedade Civil forte deve apostar – tanto o combate aos extremismos, ao discurso de ódio e à violência, como a vigilância ativa para preservação dos valores fundamentais que norteiam as nossas sociedades europeias, são desafios que não podemos enjeitar.

Os programas de apoio a lançar já a partir de 2018 terão necessariamente essas preocupações em mente pelo que o voluntariado continuará na linha da frente dos nossos esforços de uma sociedade que seja mais inclusiva e solidária, que ofereça iguais oportunidades, preparando os cidadãos do futuro.

Muito obrigada.

Isabel Mota